

ARTIGO ORIGINAL

DOI: <http://dx.doi.org/10.18310/2446-4813:2017v3n1p63-69>

Tensões no conceito de saúde a partir de Nietzsche - a grande saúde e a produção do cuidado

Tensions in the health concept from the idea of Nietzsche's "great health": singular care, resistance to life regulation.

Tensiones en el concepto de salud desde la idea de "gran salud" de Nietzsche: el cuidado singular, la resistencia a la regulación de la vida.

Hevelyn Rosa Machert da Conceição

Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal Fluminense.

E-mail: hevelynconceicao@gmail.com.

Resumo

Este artigo interessa-se em problematizar a noção de saúde em relação a seus significados em referência ao conceito de grande saúde de Nietzsche. A partir de um percurso etimológico procuramos desnaturalizar esse termo que atravessa nosso cotidiano enquanto profissionais, acadêmicos e usuários de serviços assistenciais, a fim de colocar em evidência a que se liga a noção de saúde em seu plano de significação. Propomos a grande saúde como instrumento capaz de interpelar as noções de saúde de forma que se deem a ver as conexões que estas estabelecem com o sistema de valores no qual investimos. A oferta nietzschiana emerge, portanto, como fio tensionador do discurso científico hegemônico sobre saúde ao propor inventar passageiros valores e saúdes possibilitando a experimentação de outros modos de estar no mundo.

Palavras-chave: Conceito de saúde; Filosofia; Cuidado em saúde.

Abstract

The discussion of health notion plays an essential role in this article. From an etymologic tour, we aim to denaturalize this notion which passes through our daily life as professionals, academics, scientists, politicians and users of the health care services, in order to highlight to

Túlio Batista Franco

Professor doutor do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal Fluminense.

E-mail: tuliofranco@gmail.com

what connects the notion of health in its field of signification. Inspired by the Friedrich Nietzsche's concept of great health, we propose to question the health notions so that emerge the connections they established with the value system in which we invest. It is the possibility of thinking the intertwined weft between ideal of man and health definition in the care field. The Nietzschean offer appears, therefore, as a wire tensioning the scientific hegemonic discourse on health by proposing to invent passengers values and healths, enabling experimentation of others ways of being in the world.

Key-words: Health concept; Philosophy; Health care.

Resumen

La problematización del concepto de salud tiene un papel central en este artículo. Desde un paseo etimológico buscamos desconstruir este concepto que cruza nuestra vida cotidiana mientras profesionales, académicos, científicos, políticos y usuarios de los servicios de salud con el fin de poner en evidencia a que se conecta la noción de salud en su plan de significación. Inspirados por el concepto de gran salud de Friedrich Nietzsche, proponemos cuestionar las nociones de salud para pensar la trama entrelazada entre el ideal de hombre y la definición de salud en el plan decuidado. La

oferta de Nietzsche, por lo tanto, surge como un tensor del discurso científico hegemónico en la salud, al proponer inventar pasajeros valores y saludes permitiendo la experimentación de otros modos de estar en el mundo.

Palabras clave: Concepto de salud; Filosofía; Cuidado en salud.

Introdução

O texto que ora se apresenta, oferece um caminho para refletirmos acerca dos significados de saúde, entendendo esse conceito como campo de problematização e ordenamento das práticas de cuidado. Convidamos para esse diálogo, a ideia de grande saúde de Nietzsche, capaz de potencializar e fortalecer a vida, possibilitando outras balizas para a compreensão de saúde e também para a atuação profissional na área.

Sendo assim, o que é saúde? Esta questão nos remete imediatamente à noção de corpo, pois, se entendido como a massa anátomo-fisiológica¹ que estrutura os organismos vivos, o conceito de saúde é estruturado pela biomedicina, que por sua vez, impõe seus respectivos limites no plano do cuidado. Por outro lado, se tomamos a ideia de Spinoza² segundo a qual o corpo é uma potência, e como tal sofre modulações conforme os afetos que lhe são produzidos em conexão com o meio, operando assim processos contínuos e ilimitados de subjetivação, a ideia de cuidado necessariamente se remete também ao sensível, ao afetivo.

Nesse contexto, o conceito de saúde é influenciado e deixa de ser um conceito estático e invariável, para assumir os contornos fluidos da potência de um corpo de agir no mundo. Sendo assim não há a noção de “corpo frágil”, como é entendido no conceito convencional, onde a fragilidade estaria associada à doença que impacta uma certa funcionalidade. Pelo contrário, desde que o corpo tenha a possibilidade de agir, ele reserva uma potência, e portanto tem saúde - conforme o conceito

articulado por Nietzsche de “grande saúde”, que será discutido à frente.

Em geral, as práticas de cuidado tomam para si o corpo anátomo-fisiológico como único, e uma vez tomado pela doença, operam sobre ele intervenções para o estabelecimento da sua funcionalidade prejudicada. Em artigo de Franco e Galavote,³ é possível perceber as variações de um corpo adoecido e que, a partir de relações de cuidado tomando o conjunto da sua existência como possibilidade, opera um projeto terapêutico a partir do qual este corpo pode retomar sua potência. A evidência do estudo nos informa a multiplicidade do corpo e as possibilidades ilimitadas que o mesmo tem de agir sobre o mundo, subvertendo a ideia de corpo doente, para uma outra que adota diferentes coeficientes de vitalidade, ou potência, que modulam sua capacidade de agir.

O presente texto é um convite à reflexão com base em uma nova estética do conhecimento⁴ que supõe o corpo em permanente mudança. Este movimento interfere no sentido que se dá à saúde nas práticas de cuidado, indicando um intrincado campo conceitual que se coloca de modo importante para a Saúde Coletiva na atualidade.

A produção de uma ordem discursiva em relação à saúde

Procuramos deixar de tomar a saúde como fato natural intrínseco à existência humana e localizá-lo em sua emergência a partir de um campo problemático, analisando os termos aí colocados. Na jornada etimológica dos dicionários desenha-se um campo no qual a noção de saúde convoca uma pessoa que ao mesmo tempo em que será ilesa e salvaguardada de dificuldades (*salvus*), será também capaz de relacionar-se com a saúde a partir de uma valoração – bom e bem (*salubris*).⁵ O horizonte de valores aliados à noção de saúde também é composto pela ideia de salvação, descrevendo um sujeito portador de propriedades como pureza e prosperidade. Nesse cenário, o cultivo da boa saúde está

diretamente vinculado à observância de valores morais e princípios, conjugando o ser etéreo com o ser físico.

Ao trazer o termo estado, os dicionários falam de conjuntura próxima à noção de bem estar. Estado vem sempre acompanhado de adjetivação (bem ou bom), qualificando seu sentido. Logo, desde o etmo de saúde podemos divisar uma tríplice configuração do termo calcada em aspectos físicos, morais e civis.

Já no modo contemporâneo de definir saúde, estado traz consigo termos que se ausentavam da acepção de *salus* e seus derivados. O arranjo semântico nas definições contemporâneas traz técnica e linguajar característicos que indicam a relação da saúde com novos campos problemáticos, pois com o atual estado alcançamos algo de natureza localizável: *organismo, fisiologia, funções*; mecânica: *autorregulação, limites, equilíbrio dinâmico*; e padronizada: *normais, fase, ciclo, regular*. A saúde ganhou objetividade técnica, evidenciando uma realidade uniformizada e mensurável a partir de referências determinadas externamente ao indivíduo.

A reatualização da noção de saúde implica uma nova configuração da ordem discursiva. Na defesa da contemporânea definição de saúde, controla-se e regulamenta-se os limites de trânsito do discurso, no qual saúde continua a definir um estado, mas as acepções valorativas referentes a um sujeito que julga (bom e mau), perdem a primazia para as acepções que evocam critérios universais e padronizados. Nesse sentido, o discurso sobre a saúde será legitimamente detido por aqueles que acessarem o saber nele circunscrito, ou seja, sujeitos autorizados a avaliar a experiência de saúde de outrem.

A diversidade de noções presente no etmo e na contemporânea definição de saúde ainda não é suficiente para esgotar a polissemia que o termo abarca. Vale destacar que saúde também corresponde, atualmente, a uma área de formação, a um campo profissional e a um

setor, cujo contexto compreende um conjunto de ações e atores voltados ao cuidado, relacionando-se com diversas teorias, disciplinas e instituições. Portanto, saúde invoca uma realidade rica, complexa e polissêmica.

Sobre esse questionamento, diversas disciplinas e campos científicos têm se debruçado. Saúde também se configura como tema de problematização filosófica, científica, tecnológica e política.⁶ Desde a estruturação dos serviços e os modelos de formação profissional aos modos com que nos relacionamos com nossos próprios processos de saúde, está implicada uma compreensão de saúde. Assim, o que se intitula saúde coloca em jogo tanto saberes quanto práticas, pois, ao conceituar saúde, define-se também a regulamentação do discurso sobre ela, os termos em que se dão as intervenções e que resultados se esperam. Dessa forma, entendemos juntamente com Michel Foucault⁷ que os discursos não se contrapõem às práticas, uma vez que estas apresentam duas dimensões: práticas discursivas e práticas não-discursivas.

O modo com o qual nos aproximamos do problema da definição de saúde, não esgota as maneiras de abordar o tema. Os significados de saúde têm sido discutidos por alguns estudos na área da saúde de acordo com o viés problemático colocado pelos diferentes autores.⁸⁻¹⁵ Nesses artigos, o estudo é conduzido por um lado, em função de uma abordagem analítica do conceito de saúde no qual este é debatido em seu arcabouço teórico, a partir de correntes do pensamento, como hermenêutica, epistemologia, entre outras. Por outro lado, ao empreender a análise, esses artigos abrem campos problemáticos nos quais a discussão da definição de saúde é acionada a fim de analisar outros conceitos – como qualidade de vida e autonomia - e políticas públicas – como humanização e promoção da saúde.

Também se faz recorrente nessa bibliografia a expressão de um desafio em fazer da saúde um objeto legítimo da ciência. Portanto, a preocupação em descrever saúde a partir de critérios precisos e validados, de forma a torná-la objeto científico, permitindo o estabelecimento de um padrão traduzível em taxas, médias e índices coloca-se no campo da saúde como um dilema importante. Para alguns autores, tamanha dificuldade impossibilita a definição positiva de saúde - não apenas como o contrário de doença.¹²⁻¹⁴

No encontro com essas produções nos deparamos com a complexidade do conceito de saúde e com o grande desafio colocado de definir o que é saúde. A partir da compreensão dessas ligações indissociáveis, temos a possibilidade de problematizar os efeitos que essa relação produz no modo como significamos e lidamos com os processos de saúde.

Acreditamos que a harmonização entre a ideia de saúde e a construção de modelos científicos rígidos abordada nos debates promovidos pelos autores, está fortemente conectada à descrição contemporânea de saúde nos dicionários, apontando para a predominância de um saber técnico especializado e detentor dos direitos de medir, avaliar e discursar sobre a saúde.

Nesse sentido, abordar saúde como o contrário de doença não se mostra suficiente, uma vez que os processos de sofrimento não se excluem necessariamente de uma produção de saúde. Isso, pois a saúde não seria o simples resultado da ausência de qualquer patologia. Sendo assim, a compreensão de saúde que buscamos dialoga, necessariamente, com as experiências de adoecimento, fragilidade e dor.

A grande saúde e a afirmação da vida

De modo a pensar a construção de uma saúde, Friedrich Nietzsche¹⁶ colocou em questão a cultura moderna e o ideal de vida e de homem que esta apresentava. Para ele, os valores predominantes conduziam a uma

aposta em um paradigma transcendental que tinha como consequência a negligência da existência neste mundo através de um empenho em apenas conservar-se de forma a alcançar o mundo além e lá, sim, existir plenamente. O alerta de Nietzsche diz respeito a um movimento contra a vida na medida em que quer a preservação de um estado fixo e nega o caráter fluido próprio da vida.

Para a afirmação da vida, características como a autocriação e a experimentação estariam presentes em todos os atos do sujeito, consistindo em uma proposta de modo de vida que oportuniza o cultivo da saúde.¹⁶ É a partir da “experiência mais própria”, daquilo que pode um corpo, de onde se parte para a criação de valores e de novas possibilidades de vida.¹⁷ Dessa maneira, a saúde não se opõe à doença, estando, inclusive, aberta a ela uma vez que aberta aos riscos e perigos de traçar sempre novos caminhos e experimentar criar outros valores.

O conteúdo que se expressa na enfermidade é visto, portanto, como parte dos embates travados por nosso corpo e é condição para o cultivo de uma grande saúde. A enfermidade é entendida como paralisação dos fluxos, como processo de estagnação do movimento faz-se como o delinear de “uma forma de expressão através da dor, onde, desde que seus afetos agenciados encontraram certas passagens negadas fabricaram ‘dores’”,^{18:83} de forma a transformar o modo de relação com o mundo, fazendo surgir os sintomas de um combate.

Entendendo a doença como uma experiência modificadora do funcionamento do corpo, expressando a estagnação do movimento, a possibilidade de enfrentá-la seria através do exercício de facilitar esse fluxo e encontrar, ainda nessa mesma dor, o impulso para fortalecer a vida. Dessa forma, o sofrimento e a dor não excluem de todo a saúde na medida em que são também afirmados como partes constituintes da vida em sua dinâmica fluida. Também o conceito de risco com seu caráter

profundamente padronizado que repudia qualquer suscetibilidade a uma enfermidade encontra-se afetado por essa perspectiva. O risco deixa de ser a medida das ações para dar lugar à produção de potência.

A doença nesse contexto advém das lutas enfrentadas pelo corpo e seus efeitos manifestam-se à medida que

[...] as modificações nos corpos exteriores, as modificações no mundo, afetam fortemente e determinam os “estados de corpo”, mas estes sempre nos informam muito mais do próprio corpo e, por isso, as modificações que se dão no corpo são ainda mais fortemente capazes de alterar nossas percepções e sensações (bem como nossas possibilidades de ação), ou seja, o modo como somos afetados pelo mundo (e o afetamos).^{19:70}

Cultivar uma saúde suficientemente porosa a fim de dar passagem às intensidades vividas torna possível a experimentação de outros modos de estar no mundo. Assim, nos aproximamos de uma ideia de saúde necessariamente transitória, visando uma constante transformação de valores: “uma saúde tal, que não somente se tem, mas que também constantemente se conquista ainda, e se tem de conquistar, porque sempre se abre mão dela outra vez, e se tem de abrir mão!...”^{17:286}

Nesse sentido, Nietzsche afirma que a fim de encontrar a medida de saúde há que se “ser no fundo sadio”, já que sadio se vincula a uma prática de selecionar naquilo que se vive tudo quanto aumente a potência de existir, sendo que para uma pessoa tipicamente sadia, “o estar enfermo pode ser até um enérgico estimulante ao viver, ao mais-viver.”^{20:25} Portanto, a fragilidade de um corpo não advém necessariamente da instalação de uma doença, pois a pessoa por ela acometida pode ainda exercer sua potência e sua vitalidade.

A relação entre valor, cuidado e as saúdes possíveis

Vimos que investir em uma saúde fluida e repleta de lutas lança em evidência a experimentação como medida de saúde exigindo uma atenção cuidadosa para com o sistema de valores no qual investimos, pois estes influenciam a maneira como nos relacionamos com nossas experiências.

O modo como Nietzsche propõe que enfrentemos a questão da saúde nos chega como um dos intercessores de nossa prática. Por intercessor, entendemos a partir de Gilles Deleuze,²¹ aquilo que nos interpela, forçando-nos a pensar e a deixar a imobilidade. Dessa forma, a grande saúde é capaz de produzir tensionamento dando visibilidade ao jogo que as ideias de saúde promovem.

Uma operação tal de estabelecer ligações torna-se possível somente na medida em que entendemos que um conceito não está sozinho, pois para constituir-se cabe a ele conformar, necessariamente, uma vizinhança com a qual passa a se relacionar e uma série a qual deve excluir.⁷ São nessas conexões que o conceito de grande saúde tensiona os valores colocados em jogo, uma vez que ele toma como fundamento a potência do corpo em produzir vida.

Percebemos esta tensão como produtiva, oferecendo possibilidade para que importantes efeitos surjam e conduzam à atualização do significado de saúde, tornando-o mais afirmativo para práticas singulares no campo do cuidado. Uma vez que, o cuidado é um acontecimento que toma lugar no encontro entre o profissional de saúde e o usuário,²² é nesse espaço construído que estarão presentes também os valores e as experiências de cada um.

As práticas singulares de cuidado, nessa perspectiva, entrelaçam-se com a constante transmutação de valores descrita por Nietzsche. Se a cada tempo uma pessoa porta um certo valor, o cuidado com a saúde

referente a esse valor ganhará contornos diferentes do cuidado em um momento em que a fluidez própria da vida implicará no abandono desse valor para a construção de outros. Isso significa que haverá múltiplos cuidados para uma mesma pessoa ao longo de sua vida, pois serão também múltiplos seus valores de saúde durante esse tempo:

[...] depende do seu objetivo, do seu horizonte, de suas forças, de seus impulsos, de seus erros e, sobretudo, dos ideais e fantasias de sua alma, determinar o *que* deve significar saúde também para seu corpo. Assim, há inúmeras saúdes do corpo; e quanto mais deixarmos que o indivíduo particular e incomparável erga a sua cabeça, quanto mais esquecermos o dogma da “igualdade dos homens”, tanto mais nossos médicos terão de abandonar o conceito de uma saúde normal, juntamente com dieta normal e curso normal da doença.^{17:144-5}

A singularidade do cuidado significa mais do que o olhar para o indivíduo, pois o uso que fazemos do termo singular não se refere a um indivíduo, mas sim à singularidade de um determinado contexto da vida de uma pessoa. E, nesse contexto, a tarefa do profissional diante da pessoa a qual presta seu serviço não é tanto a de fornecer uma resposta tal qual uma prescrição ensimesmada, mas sim a de questionar, de tornar-se um intercessor, perguntando-a sem descanso sobre o que traz potência a sua vida.¹⁹ Sendo que através da insistência dessa interpelação é que se poderá divisar qual papel pode desempenhar o profissional no fortalecimento da potência de vida dessa pessoa.

Fica evidente que o caráter fluido e mutável da vida evidenciado na ideia de grande saúde, coloca-se de maneira importante no horizonte do trabalho na assistência sanitária. É no encontro, através do exercício do profissional em tornar-se um intercessor, que emerge a possibilidade de conhecer os valores de saúde

do usuário, ou seja, o que traz potência à sua existência. E, assim, através da conexão desses diferentes saberes, construir conjuntamente o projeto terapêutico mais adequado àquela pessoa naquele momento.

Portanto, cultivar a aliança com a grande saúde no cotidiano da prática profissional implica também o exercício de favorecer o desenvolvimento de autonomia, coresponsabilidade e uma insistente reflexividade crítica.

Considerações finais

Admitir uma saúde que não se contrapõe à doença e se mantém aberta à fluidez da vida traz implicações na experiência da saúde não só para aquele que a sente, mas também para o agir profissional. Trata-se de deixar uma posição que quer afastar a doença e o risco a qualquer custo, lançando mão de normatizações e intervenções autoritárias, para uma outra que percebe o caminho atravessado por ambos o tempo todo, pois os compreende como elementos inerentes a qualquer processo de vida.

Sendo assim, a proposição de um conceito de saúde afixado ou de um consenso entre as diferentes noções aventadas não é aqui a questão prioritária, pois, inspirados pela grande saúde vislumbramos a produção da saúde como parte da produção das condições da existência, de forma que a saúde assume, então, configurações múltiplas. Tais configurações serão tão múltiplas quanto assim forem também os diferentes arranjos no modo de vida das pessoas.

Cabe ressaltar que sofrimento e doença precisam ser distinguidos, na medida em que o sofrer não implica diretamente o desenvolvimento de uma enfermidade. A saúde proposta por Nietzsche comporta o sofrer e também o adoecer, deslocando o olhar do que é bom ou mau, risco ou segurança, para chamar a atenção àquilo que torna a vida mais forte, que alimenta nossa potência e nosso desejo de

existir. E é aí, nessa intersecção, que o cuidado pode ganhar lugar.

A aproximação entre o pensamento nietzschiano e a área da saúde pode fortalecer tanto a experiência de nossa própria saúde, assim como conduzir a avaliações de nossa prática profissional na assistência sanitária, tendo força suficiente para nos instrumentalizar no campo a fim de um agir profissional comprometido com a potencialização da vida.

Portanto, acreditamos que a intervenção da grande saúde pode ser explorada como uma importante ferramenta com potencial de colaborar para a construção de um campo cada vez mais inventivo e gerador de problemas capazes de atravessarem as fronteiras disciplinares, possibilitando outras construções de saber, outras experiências de saúde e doença e outros modos de existência comprometidos com a potencialização da vida.

Referências

- ¹Foucault. *O Nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária; 2011.
- ²Spinoza. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica; 2009.
- ³Franco, Galavote. A busca da clínica dos afetos. In: Franco, Ramos. *Semiótica, afecção e cuidado em saúde*. São Paulo: Hucitec; 2010.
- ⁴Franco. *Ética em pesquisa e a estética do conhecimento*. Rev Bras Soc. 2015; 03(5):201-213.
- ⁵Aurélio. *Minidicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1989.
- ⁶Almeida Filho. *O que é saúde?* Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.
- ⁷Foucault. *A ordem do discurso*. 20ª ed. São Paulo: Loyola; 1996.
- ⁸Almeida Filho. O conceito de saúde: ponto cego da epidemiologia? Rev bras epidemiologia. 2000; 3(1):4-20.
- ⁹Ayres. Uma concepção hermenêutica de saúde. Physis. 2007; 17(1):43-62.
- ¹⁰Caponi. Georges Canguilhem y el estatuto epistemológico del concepto de salud. Hist ciênc saúde-Manguinhos. 1997; 4(2):287-307.
- ¹¹Caprara. Uma abordagem hermenêutica da relação saúde-doença. Cad saúde pública. 2003; 19(4):923-31.
- ¹²Coelho, Almeida Filho. Conceitos de saúde em discursos contemporâneos de referência científica. Hist ciênc saúde-Manguinhos. 2002; 9(2):315-33.
- ¹³Czeresnia. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. Cad saúde pública. 1999; 15(4):701-709.
- ¹⁴Martins. Biopolítica: o poder médico e a autonomia do paciente em uma nova concepção de saúde. Interface comun saúde educ. 2003; 8(14):9-20.
- ¹⁵Minayo MCS, Hartz, Buss. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. Ciênc saúde coletiva. 2000; 5(1):7-18.
- ¹⁶Nietzsche FW. *Assim falou Zaratustra - Um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras; 2011.
- ¹⁷Nietzsche FW. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras; 2001.
- ¹⁸Muylaert. *Corpoafecto: o psicólogo no hospital geral*. São Paulo: Editora Escuta; 2011.
- ¹⁹Teixeira. A Grande Saúde: uma introdução à medicina do Corpo sem Órgãos. Interface comun saúde educ. 2004; 8(14):35-72.
- ²⁰Nietzsche FW. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras; 2004.
- ²¹Deleuze. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34; 1992.
- ²²Merhy EE. *Saúde: cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec; 2002.